

## GÊNERO, HISTÓRIA DAS MULHERES E HISTÓRIA SOCIAL\*

Louise A. Tilly\*\*

Assisti recentemente a um seminário no qual um historiador das mulheres apresentava uma brilhante interpretação dos escritos polêmicos de Olympe de Gouges e da recepção que tiveram (sem falar da que teve a autora) durante a Revolução Francesa. Um historiador da Revolução, velho e rude, levanta-se no momento das questões e pergunta, com sua entonação fanhosa do leste dos Estados Unidos: "Agora que eu sei que as mulheres participaram da Revolução, *que diferença isto faz?*". Este encontro me sugeriu aquilo que vou tentar mostrar: há duas tarefas cada vez mais urgentes que se apresentam à história das mulheres: produzir não somente estudos descritivos e interpretativos, mas também estudos que resolvam problemas analíticos, e vincular as descobertas que decorrentes desses às questões gerais que há muito estão postas à história.

Isto não é um apelo para integrar a história das mulheres a uma outra história, o que poderia significar apenas acrescentar materiais sobre mulheres e gênero sem analisar suas implicações, mas é um apelo para escrever uma história analítica das mulheres e para vincular seus problemas àqueles das outras histórias. É

---

\* "Muitos Historiadores leram e comentaram uma versão preliminar deste artigo. Eu agradeço especialmente a Guy Gullickson e Judith Bennet, bem como a Stéphanie Coontz, Patricia Cooper, Nancy Coot, Cheryl Johnson-Odim, Alice Kessler-Harris, Charles Tilly e Carole Turbin pelas suas observações preciosas e estimulantes."

Artigo publicado com o título: "Genre, histoire des femmes et histoire sociale", *Gèneses* 2. 1990, p. 148-166.

Traduzido por Ricardo Augusto Vieira - Mestrando em Filosofia/Unicamp.

\*\* Diretora do Programa de Estudos Históricos na New School Research em Nova York.

exclusivamente através desta confrontação que a história das mulheres terá possibilidades de modificar o quadro geral da história no seu conjunto.

Não se trata aqui de revisitar exaustivamente a bibliografia. Os trabalhos citados versam sobre um período limitado - desde aproximadamente 1750 até hoje -, referem-se principalmente aos Estados Unidos e à Inglaterra, e foram recentemente publicados - a maior parte a partir de 1985 e todos a partir de 1980. Escolhi apenas raros exemplos provenientes da Europa continental e negligenciei completamente o resto do mundo. Este ensaio começa por considerar a maneira pela qual a história das mulheres se desenvolveu, em que medida pode-se dizer que ela "se impôs" e quais foram suas maiores contribuições. Examina, a seguir, o gênero como um conceito que levou tanto à uma reorientação da história das mulheres quanto à novas preocupações no seu interior. Avalia também, para a história, a utilidade das diferentes maneiras pelas quais o gênero foi conceitualizado. Por fim, demonstra que uma história social voltada para uma análise de problemas oferece uma possibilidade real de operar uma ligação entre conhecimento de gênero, experiência das mulheres no passado e história em geral.

### **História das mulheres**

A definição do objeto é particularmente decisiva para esta discussão. Marc Bloch deu uma definição simples e acessível da história como "ciência dos homens no tempo."<sup>1</sup> Esta fórmula pode ser transposta e ajustada ao sexo, definindo a história das mulheres como "a ciência das mulheres no tempo."

---

<sup>1</sup> BLOCH, Marc: *Apologie pour l'histoire*. Paris, A. Colin, "U2". ed. 1974 (ed. or. 1947), p. 36.

Ainda que definidas pelo sexo, as mulheres são algo mais do que uma categoria biológica; elas existem socialmente e compreendem pessoas do sexo feminino de diferentes idades, de diferentes situações familiares, pertencentes a diferentes classes sociais, nações e comunidades; suas vidas são modeladas por diferentes regras sociais e costumes, em um meio no qual se configuram crenças e opiniões decorrentes de estruturas de poder. Mas, sobretudo porque, para o historiador, em função do processo permanente de estruturação social, assim denominado por Philip Abrams, as mulheres vivem e atuam no tempo.<sup>2</sup>

Um aspecto da história das mulheres que a distingue particularmente das outras é o fato de ter sido uma história a um movimento social: por um longo período, ela foi escrita a partir de convicções feministas. Certamente toda história é herdeira de um contexto político, mas relativamente poucas histórias têm uma ligação tão forte com um programa de transformação e de ação como a história das mulheres. Quer as historiadoras tenham sido ou não membros de organizações feministas ou de grupos de conscientização, quer elas se definissem ou não como feministas, seus trabalhos não foram menos marcados pelo movimento feminista de 1970 e 1980.

Um admirável estudo recente de Nancy Cott recoloca o feminismo em um contexto histórico e demonstra que, no seu sentido atual, esta palavra só começou a ser utilizada na América no primeiro decênio deste século. A "definição operacional" que ela propõe é funcional e completa: seus três componentes são: 1. a defesa da igualdade dos sexos ou oposição à hierarquia dos sexos; 2. o reconhecimento de que a "condição das mulheres é construída socialmente, [...] historicamente determinada pelos usos sociais."; 3. a identificação com as mulheres enquanto grupo social e o apoio a elas. Enquanto ideologia, o feminismo é

---

<sup>2</sup> ABRAMS, Philip: *Historical Sociology*. Ithaca-New York, Cornell University Press. 1982.

acessível tanto aos homens quanto às mulheres, ainda que nem todas elas (ou eles, no caso) o aceitem.<sup>3</sup> A maior parte da história universitária das mulheres se apóia sobre essas convicções do feminismo contemporâneo. No âmbito deste artigo, a exemplo de Ellen Dubois e colegas, considerarei toda história das mulheres como feminista e vinculada ao movimento feminista, pelo menos quanto às suas raízes.<sup>4</sup> Com efeito, é difícil estabelecer critérios apropriados e impossível, intelectual e politicamente, determinar quem é ou não é feminista. Isto pode parecer um entrave potencial à legitimação da história das mulheres como um campo da história, mas o que se segue sugere que isto não impediu nem sua institucionalização nem seu reconhecimento.

Em um artigo importante, há pouco publicado, tratando do gênero como categoria útil para a análise histórica, Joan Scott lamenta "o distanciamento entre a alta qualidade dos recentes trabalhos da história das mulheres e seu estatuto sempre marginal com relação ao conjunto da disciplina (que pode ser medido pelos manuais, programas universitários e monografias), [o que] mostra os limites das abordagens descritivas que não interrogam os conceitos dominantes da disciplina, ou que, pelo menos, não interrogam os conceitos de maneira a influenciar seu poder explicativo e, quem sabe, transformá-los."<sup>5</sup> Parece-me que Scott tem uma concepção muito geral e globalizante do estatuto da história das mulheres como campo de pesquisa. O problema pode ser decomposto em dois aspectos que abordarei sucessivamente.

---

<sup>3</sup> COTT, Nancy: *The Grounding of Modern Feminism*. New Haven, Yale University Press. 1987, p. 4-5.

<sup>4</sup> DUBOIS, Ellen C. (et al): *Feminist Scholarship: Kindling in the Groves of Academe*. Urbana, University of Illinois Press. 1985, p. 8.

<sup>5</sup> SCOTT, Joan W.: "Women's History", *IN Past and Present*, 101. Pp. 141-157. Republicado em *Gender and the Politics of History*. New York, Columbia University Press. 1988, p. 30.

Em que medida a história das mulheres "se impôs"? Nos Estados Unidos, ela já está institucionalizada. Há cargos de docência previstos para os(as) historiadores(as) das mulheres - freqüentemente muitos nas grandes universidades - e até cadeiras criadas por subvenção. Certos(as) historiadores(as) das mulheres são beneficiados por uma sólida reputação científica nos seus respectivos campos, histórico ou geográfico. Aumentou muito o número de livros, artigos e resenhas neste domínio, isto levando em conta as grandes revistas de história geral. O primeiro livro tratando da história das mulheres a ter recebido o prêmio Bancroft,<sup>6</sup> *Cradle of the Middle Class: The Family In Oneida County, New York, 1780-1865*, de Mary Ryan, foi publicado em 1981.<sup>7</sup> O livro de Suzanne Lebsack, *Free Women of Petersburg* foi o segundo, menos de cinco anos depois,<sup>8</sup> seguido um ano mais tarde pelo de Jacqueline Jones, *Labor of Love, Labor of Sorrow*.<sup>9</sup>

O segundo aspecto do problema levantado por Joan Scott é o de saber em que medida a história das mulheres afetou a historiografia, obtendo o reconhecimento de suas descobertas como autênticos "fatos da história", para retomar a expressão de E. H. Carr.<sup>10</sup> Este afirma que é uma ilusão a idéia segundo a qual existiria um núcleo de fatos históricos aguardando serem descobertos de maneira objetiva, independentemente da

---

<sup>6</sup> Fundado em 1948 e entregue pela Columbia University, o prêmio Bancroft é atribuído aos trabalhos de história dos Estados Unidos e de diplomacia.

<sup>7</sup> RYAN, Mary P.: *Cradle of the Middle Class: The Family in Oneida County*. New York-Cambridge, Cambridge University Press. 1981.

<sup>8</sup> LEBSACK, Suzanne: *The Free Women of Petersburg: Status and Culture in a Southern Town, 1784-1860*. New York, W.W. Norton. 1984.

<sup>9</sup> JONES, Jacqueline: *Labor of Love, Labor of Sorrow: Black Women, Work and the Family from Slavery to the Present*. New York, Basic Books. 1985.

<sup>10</sup> CARR, Edward H.: *What is History?*. New York, Knopf. 1983, p. 10.

interpretação dos historiadores. O que faz surgir um fato enquanto tal é antes de tudo sua exposição por parte dos historiadores.<sup>11</sup> A história das mulheres certamente contribuiu para identificar e expandir nossa compreensão sobre novos fatos do passado, para incrementar nossos conhecimentos históricos. Este processo é cumulativo e interativo: para estudar a vida das mulheres no passado, os(as) historiadores(as) se apóiam sobre as especialidades mais antigas, tais como a demografia histórica para estudar os dados do estado civil, as ocupações e as migrações; a história econômica para as transformações econômicas; a história social para os processos de transformação estrutural em grande escala, como a profissionalização, a burocratização e a urbanização; a história das idéias para os métodos de crítica dos textos; e a história política para os conceitos relativos ao poder. Uma nova especialidade histórica nasceu contendo por objeto as mulheres, tornando-as sujeitos da história.

Há ainda, tal como é praticada habitualmente, um outro aspecto da história das mulheres para o qual eu gostaria de chamar a atenção: é o seu caráter essencialmente descritivo e interpretativo. A maior parte dos livros evocados neste artigo considera a experiência das mulheres como um fato histórico a ser descoberto e descrito. Seus autores concebem as mulheres como sujeitos sociais ativos, situados em contextos históricos concretos e cujas as vidas, enquanto membros de famílias, trabalhadoras, membros de organizações ou de movimentos

---

<sup>11</sup> Carr é, como convém, agnóstico quanto à possibilidade da objetividade histórica, mas está persuadido, como eu, que uma das funções do historiador é descobrir, com os limites impostos pelas fontes e pela sua posição social, um passado real e inteligível.

sociais, têm um interesse tanto para os historiadores quanto para os não-especialistas. A contribuição particular da história das mulheres foi a de reorientar o interesse pelas pessoas comuns do passado - motor da história social - na direção das mulheres e das suas relações sociais, econômicas e políticas. Fazendo isto, os(as) historiadores(as) das mulheres utilizaram o método chave da história social: a biografia coletiva, agrupamento de descrições individuais, padronizadas de modo a traçar o retrato de um grupo inteiro e oferecer um meio de estudo das variações interindividuais. Além disto, elas utilizaram melhor do que seus colegas da história social os arquivos individuais e os testemunhos orais. O acesso aos testemunhos individuais é mais ou menos fácil e depende tanto do período estudado (a história oral não sendo possível senão para os oitenta últimos anos) quanto da classe social (as cartas ou as memórias sendo mais frequentes nas classes médias e superiores) e do país (no qual, além das diferenças dos níveis de alfabetização, é preciso pensar nas variações das práticas de introspecção, das maneiras pelas quais são relatados os acontecimentos reais da vida nos jornais, dos modos de conservação e de consulta dos arquivos oficiais, tais como os dos tribunais, da polícia e dos organismos sociais, arquivos nos quais podem ser encontradas as migalhas das vidas individuais e ouvidas as vozes do passado). Mas os(as) historiadores(as) das mulheres deram prova de muita astúcia e imaginação no uso que puderam fazer disso.

Os autores da primeira série de estudos discutidos aqui essencialmente descreveram e interpretaram a história das mulheres, evitando colocar e resolver problemas analíticos. A abordagem descritiva da história das mulheres tratou da história política e da história do trabalho, como demonstram dois livros precursores. O estudo de Ruth Bordin, *Women and*

*Temperance*,<sup>12</sup> mostra que as mulheres desprovidas de direitos políticos formais puderam agir coletivamente no sentido de melhorar sua situação ou resolver seus próprios problemas; ao mesmo tempo, ela revela as diferenças dos interesses de classe e dos limites da avaliação dos problemas das mulheres da classe trabalhadora empreendida pelas mulheres das classes médias. Num panorama lúcido das mulheres trabalhadoras na América, Alice Kessler-Harris<sup>13</sup> demonstra que, mesmo quando as trabalhadoras eram exploradas e oprimidas em seu lugar de trabalho e na sua família, elas encontraram maneiras de exprimir seus próprios interesses e de defendê-los. As relações entre trabalhadores e trabalhadoras eram ora cooperativas, ora conflitivas, embora as duas partes fossem atuantes no processo de formação de classe.

Contudo, a contribuição principal da abordagem descritiva da história das mulheres foi a de evidenciar a experiência das mulheres. Por exemplo, as possibilidades abertas às mulheres nas sociedades compartimentadas são examinadas no *The Plantation Mistress: Woman's World in the Old South* de Catherine Clinton,<sup>14</sup> no *Free Women of Petersburg* de Suzanne Lebscock<sup>15</sup> e no *Ladies of the Leisure Class: The Bourgeoises of Northern France in the Nineteenth Century* de Bonnie Smith.<sup>16</sup> Estas obras descrevem a maneira "pela qual as mulheres agiam a partir de um conjunto de atitudes ou valores diferente daquele

---

<sup>12</sup> BORDIN, Ruth: *Woman and Temperance: The Quest of Power and Liberty, 1873-1900*. Philadelphia, Temple University Press. 1981.

<sup>13</sup> HARRIS, Alice Kessler: *Out to Work: A History of Wage-earning Women in the United States*. New York, Oxford University Press. 1982.

<sup>14</sup> CLINTON, Catherine: *The Plantation Mistress: Woman's World in the Old South*. New York, Pantheon. 1983.

<sup>15</sup> LEBSOCK, S.: Op. cit. 1984.

<sup>16</sup> SMITH, Bonnie G.: *Ladies of the Leisure Class: The Bourgeoises of Northern France in the Nineteenth Century*. Princeton, Princeton University Press. 1981.



dos homens."<sup>17</sup> Clinton, Lebsack e Smith consideram atentamente as vidas das mulheres estudadas, examinando até que ponto elas aceitaram as limitações sociais e políticas, como construíram esferas de autonomia e de influência, e em que diferiram dos homens nas suas atitudes e no seu comportamento. Nesses trabalhos, o princípio regulador essencial da história das mulheres é a ideologia das esferas, com a esfera pública aberta somente aos homens e a esfera privada enquanto espaço das mulheres.

Estudando as mulheres celibatárias das classes médias e superiores da Inglaterra, Martha Vicinus aceita a predominância desta ideologia, mas mostra como, instaurando instituições não-mistas (escolas, "lares sociais", comunidades religiosas), algumas mulheres "organizavam seu espaço e seu tempo quando tinham a oportunidade de fazê-lo. Um espaço controlado pelas mulheres torna-se uma primeira experiência daquilo que se chamaria hoje de uma cultura feminina."<sup>18</sup> As comunidades estabelecidas pelas "mulheres independentes", as heroínas de Vicinus, eram uma alternativa à esta esfera do privado, a família e o lar; entretanto, talvez de maneira paradoxal e contraditória, elas recriaram uma esfera privada a seu modo, mas que lhes impunha renúncias. Em sua obra *Ladies Elect: Women in English Local Government, 1865-1914*,<sup>19</sup> com uma abordagem um pouco diferente da separação das esferas, Patricia Hollis descreve as três mil mulheres que solicitaram e obtiveram um mandado local na Inglaterra, antes da instauração do sufrágio universal para as eleições nacionais. Ela escreve que "numa sociedade na qual poucas mulheres das classes médias tinham um trabalho

---

<sup>17</sup> LEBSOCK, S.:Op. cit. 1984, p. 13.

<sup>18</sup> VICINUS, Marta: *Independent Women: Work and Community for Single Women, 1850-1920*. Chicago, University of Chicago Press. 1985, p. 7.

<sup>19</sup> HOLLIS, Patricia: *Ladies Elect: Women in English Local Government, 1815-1914*. Oxford, Clarendon Press. 1987.

assalariado e poucos homens públicos tinham a experiência da ação social ou da educação das crianças, as mulheres se sabiam depositárias de competências e habilidades diferentes daquelas dos homens [...]. A separação das esferas, a idéia de que somente as mulheres podiam atuar pelas mulheres, era uma linguagem utilizada pelas mulheres que trabalhavam para as autoridades locais e estavam convencidas da sua igualdade com os homens. Elas falavam assim da sua experiência prática e concreta, não da mística da sua natureza profunda [...] elas afirmavam que as necessidades das mulheres tinham tanta importância quanto as dos homens. A linguagem da separação das esferas lhes dava acesso ao espaço público, que lhes permitia dizer isto."<sup>20</sup>

Em 1985, Nancy Hewitt chamou a atenção para os problemas postos por algumas destas interpretações;<sup>21</sup> ela considerava infundada a tendência a afirmar, a partir destes estudos, a existência de uma "cultura feminina", posto que esta generalização repousava exclusivamente sobre o estudo das mulheres das classes média e superior. Novas pesquisas, versando sobre as mulheres da classe trabalhadora ou as mulheres de origem racial ou étnica diferente, ofereceram um quadro distinto, no qual a ideologia desempenhava um papel menor e as limitações materiais um papel mais importante. Mulheres negras e mulheres da classe trabalhadora estabeleceram, nos Estados Unidos, as bases de comunidades que não eram, ou não eram apenas, fundadas sobre a pertinência ao mesmo sexo. Ademais, o interesse de classe das mulheres das classes médias freqüentemente impedia que elas compreendessem totalmente ou cooperassem com as mulheres das outras classes ou raças. Na sua própria obra, *Women's Activism and social*

---

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 472-473.

<sup>21</sup> HEWITT, Nancy A.: "Beyond the Search of Sisterhood: American Women's History in the 1980's", IN *Social History*, 10, october. Ithaca-London, Cornell University Press. 1985, p. 299-321.

*Change*,<sup>22</sup> Hewitt identifica, só na classe média de Rochester, antes da guerra da Secessão, três grupos fundamentalmente diferentes de mulheres ativistas. Seu ativismo político estava condicionado por sua pertinência de classe, suas relações de gênero e pelos interesses que daí decorriam.

Outros trabalhos contestaram toda ampliação simplista da noção de cultura das mulheres para além das fronteiras de classe ou de raça: por exemplo, o livro de Christine Stansell, *City of Women: Sex and Class in New York, 1789-1860*;<sup>23</sup> o estudo das mulheres escravas de Debora Gray White, *Aren't I a Woman?*;<sup>24</sup> ou a obra de Evelyn Nakano Glenn, *Issei, Nisei, War Bride: Three Generations of Japanese American Women in Domestic Service*.<sup>25</sup> Estes estudos acentuam as diferenças e as variações entre as mulheres; sua abordagem é, por isto, mais analítica. Ademais, eles sublinham as interações existentes entre estes fatores e as transformações mais globais das estruturas políticas e econômicas, mantendo sempre os atores sociais no centro do estudo. Stansell apresenta mulheres da classe trabalhadora que se levantaram e lutaram contra a pobreza material e a indiferença das instituições urbanas. White expõe o desenvolvimento conjunto das solidariedades de raça e de sexo como recurso das mulheres submetidas à "instituição muito especial."<sup>26</sup> Glenn estuda a interação das fidelidades de classe ou de etnia com as

---

<sup>22</sup> HEWITT, N. A.: *Women's Activism and Social Change: Rochester, New York, 1822-1872*. Ithaca-London, Cornell University Press. 1984.

<sup>23</sup> STANSELL, Christine: *City of Women: Sex and Class in New York, 1789-1860*. New York, Knopf. 1986.

<sup>24</sup> WHITE, Debora Gray: *Am't I a Woman? Female Slaves in the Plantation South*. New York, W.W. Norton, 1985.

<sup>25</sup> GLENN, E. Nakano: *Issei, Nisei, War Bride: Three Generations of Japanese American Women in Domestic Service*. Philadelphia, Temple University Press. 1986.

<sup>26</sup> *The peculiar Institution*: eufemismo utilizado no século XIX para designar a escravatura.

solidariedades potenciais entre mulheres no interior de grupos. O estudo de Jacqueline Jones sobre as mulheres negras do Sul americano, desde a época da escravidão até nossos dias, pertence a uma categoria um pouco distinta. Ela acentua as dificuldades econômicas e sociais do racismo, mas se aproxima de certos estudos históricos sobre mulheres das classes médias ao fazer do papel das mulheres negras na família uma base (provisória) de poder e de influência.<sup>27</sup>

Os dois tipos de estudo - um versando sobre a cultura das mulheres das classes médias, outro evidenciando variações inter ou intra-classes sociais, inter ou intra-grupos étnicos ou raciais - reconstituem de maneira muito rica as vidas das mulheres e traçam complexas relações com as grandes tendências históricas. Eles se concentram na descrição desta realidade vivida.

Joan Scott lamenta, com razão, que a maior parte da história das mulheres não "coloca em discussão" o uso dos conceitos dominantes da disciplina, explicando isto pelos "limites da abordagem descritiva". A história das mulheres partilha com outras especialidades, como a história social, o duplo problema da interpretação dos seus resultados, para uso por outros historiadores, e da passagem da descrição e interpretação para a análise e explicação. Os estudos que "abordam novos objetos, utilizam novos materiais [e] métodos, [e devem mostrar] em que os seus resultados dizem respeito também aos outros historiadores."<sup>28</sup> Pressionadas pela urgência evidente que havia em redescobrir as vidas e as realizações das mulheres, muitas historiadoras pensaram que isto era suficiente em si. Todavia, como escreve Kenneth Burke, "uma maneira de ver é também uma maneira de não ver - a atenção colocada sobre o objeto A

---

<sup>27</sup> JONES, J.: Op. cit. 1985.

<sup>28</sup> TILLY, Charles: "Two Callings of Social History", *IN Theory and Society*, 9. 1980, p. 679-681.

nos obriga a negligenciar o objeto B."<sup>29</sup> Isto é um fenômeno familiar na história; deveria ser particularmente evidente para os(as) historiadores(as) das mulheres: a atenção dada a certos domínios da atividade humana, o fato de privilegiar certos problemas tem negado às mulheres um lugar como atores históricos. Agora que os fatos da vida das mulheres se tornaram "fatos da história", é importante analisá-los e discutir explicitamente aquilo que eles permitem modificar nos outros domínios da história. Os melhores trabalhos sobre história das mulheres, dos quais citei uma parte, não estudam a vida das mulheres de uma maneira isolada: eles se esforçam por vincular estas vidas a outros temas históricos, como o poder das idéias ou as forças que governam as transformações estruturais. Procedendo desta maneira, a história das mulheres já mudou nossa percepção do que é importante na história.

Entretanto, trato aqui de um outro tipo de relação com a problemática atual da história, a questão da explicação. Afim de obter mais do que o simples reconhecimento das suas descobertas como "fatos históricos", os (as) historiadores(as) das mulheres devem tornar sua metodologia mais analítica na sua própria perspectiva e mostrar como seus resultados contribuem para a explicação de problemas mais gerais, estejam eles já na agenda da história, ou sejam eles facilmente compreensíveis do ponto de vista dos principais conceitos da disciplina. Ambas as abordagens, a descritiva e a analítica, deveriam figurar no campo da história das mulheres. O que entendo por uma abordagem que resolva problemas analíticos? Não que os(as) historiadores(as) devam colocar questões "mais amplas" - as questões que são também colocadas nos outros domínios da história (ainda que eu também pense isto, tal não é o meu propósito aqui)-, mas que os(as) historiadores(as) das mulheres devem problematizar suas

---

<sup>29</sup> BURKE, Kenneth: *Attitudes toward History*. New York, The New Republic, 1935, p. 70, citado por EPSTEIN, Cynthia Fuchs: *Deceptive Distinctions: Sex, Gender, and the Social Order*. New Haven/New York, Yale University Press/Russel Sage Fundation. 1988.

questões. Por exemplo: em que condições as mulheres construíram e modelaram os movimentos sociais; em que medida tal ou tal grupo de mulheres lutou pelos seus direitos; quais mulheres gozaram de estatutos sociais mais elevados (como definí-los?) e quais eram os fatores que contribuíram para esta situação; de que atividades as mulheres eram excluídas, e em que circunstâncias pode-se observar uma maior ou menor exclusão? A resposta se encontra na utilização do gênero enquanto categoria de análise histórica.

### **Gênero**

A socióloga Ann Oakley evidenciou com muita clareza, em 1972, a diferença entre sexo e gênero. Ela escreve: "'Sexo' é uma palavra que faz referência às diferenças biológicas entre machos e fêmeas [...]. 'Gênero', pelo contrário, é um termo que remete à cultura: ele diz respeito à classificação social em 'masculino' e 'feminino' [...]. Deve-se admitir a invariância do sexo tanto quanto deve-se admitir a variabilidade do gênero."<sup>30</sup> Reconhecendo rapidamente a importância do conceito de gênero no combate contra o determinismo biológico, certos(as) historiadores(as) propuseram a sua utilização no campo histórico. Em 1974, na sua comunicação à sessão plenária da Conferência de Berkshire sobre a História das Mulheres, Natalie Z. Davis apontou uma nova fase da história das mulheres, que teria por objetivo "compreender a significação dos sexos, dos

---

<sup>30</sup> OAKLEY, Ann: *Sex, Gender, and Society*. New York, Harper Colophon Books. 1972, p. 16. Cf. também JOHANSSON, Sheila Ryan: " 'Herstory' as History: A new Field of Another Fad?" IN CAROLL, Berenice (ed.): *Liberating Women's History*. Urbana-Champaign, University of Illinois Press. 1976.

grupos de gênero no passado histórico."<sup>31</sup> Joan Kelly<sup>32</sup> propôs uma periodização em termos de relação, que estudaria os efeitos das transformações tanto sobre os homens quanto sobre as mulheres. Ela afirmou, em seguida, que as mulheres formam efetivamente um "grupo social distinto", socialmente construído e não "natural". E acrescentou, por fim, que toda teoria da transformação social deve levar em conta as relações entre classe e sexo. A recomendação de Davis era a de dar mais atenção aos novos aspectos da história das mulheres, fazendo descrições mais complexas e mais refinadas. Kelly, por sua vez, estava mais preocupada com as transformações que a história das mulheres poderia engendrar na história em geral. Ela propunha, ao mesmo tempo, uma revisão da nossa compreensão da Renascença e uma explicação mais geral do acirramento da desigualdade sexual como consequência de uma diferenciação crescente e, finalmente, de uma separação dos domínios público e doméstico.

Numerosos trabalhos recentes no domínio da história das mulheres adotam esta abordagem sócio-histórica do gênero e a aplicam a uma descrição conceitualizada das vidas de mulheres. Seus autores partilham da orientação metodológica do livro *Deceptive Distinctions: Sex, Gender and the Social Order*,<sup>33</sup> de Cynthia Epstein, o qual utiliza a recomendação de Oakley para avaliar a pesquisa sociológica recente. Estes(as) historiadores(as) afirmam que as distinções dicotômicas exageram as diferenças, minimizam as características comuns, definem e estabelecem hierarquias. Utilizando o gênero como categoria conceitual, elas exprimem um engajamento político no sentido de promover a igualdade dos gêneros e o acesso das mulheres tanto à

---

<sup>31</sup> DAVIS, Natalie Z.: "Women's History in Transition: The European Case", IN *Feminist Studies*, 3. 1976, p. 90

<sup>32</sup> KELLY, Joan: *Women, History, and Theory: the Essays of Joan Kelly*. Chicago, University of Chicago Press. 1984 (ed. or. 1976).

<sup>33</sup> EPSTEIN, C. F.: Op. cit. 1988.

autonomia individual quanto ao poder político e econômico. Como os sociólogos, elas comparam homens e mulheres e suas relações no decorrer do tempo; elas sublinham mais as variações do que as oposições; elas estudam os processos de transformação mais do que o estado das coisas; e, pela sua utilização do gênero e não do sexo como variável fundamental, elas rejeitam as análises causais reducionistas.

Examinemos alguns importantes trabalhos deste tipo. O estudo de Mary Blewett sobre homens, mulheres e o trabalho na indústria de calçado na Nova Inglaterra do século XIX privilegia as relações entre trabalhadores e trabalhadoras durante o processo de industrialização. "Os historiadores do trabalho negligenciaram o papel destas trabalhadoras nos conflitos trabalhistas e no processo de industrialização, escreve ela, mas a riqueza e a variedade dos dados evidenciam uma prática feminina rica e pulsante.". Esta prática forma, segundo ela, um sistema coerente com "a prática masculina no trabalho, na família e nos conflitos trabalhistas."<sup>34</sup> Blewett demonstra que não há somente diferenças entre homens e mulheres quando são confrontados com a industrialização, mas também entre as mulheres vinculadas à uma economia familiar (neste caso, seu potencial de resistência é diminuído) e as mulheres economicamente autônomas e, às vezes, empregadoras. Seu método é do tipo sócio-histórico, combinando, para as informações demográficas e profissionais, a análise dos recenseamentos e o estudo dos livros-caixa dos sapateiros, suas memórias, os jornais e as relações governamentais.

Patricia Cooper lança um olhar atento sobre os tabaqueiros e as tabaqueiras dos dois primeiros decênios do

---

<sup>34</sup> BLEWETT, Mary H.: *Men, Women, and Work: Class, Gender, and Protest in the New England Shoe Industry, 1780-1910*. Urbana-Chicago, University of Illinois Press. 1988, p. XIII.



século XIX e identifica dois mundos do trabalho ou duas culturas. Ela opõe a cultura masculina do trabalho, que "insistia na autonomia, na identidade coletiva, na solidariedade, numa independência obstinada, no orgulho, no amor-próprio, no controle do trabalho, no respeito à virilidade [...] e na lealdade mútua", e a cultura feminina, na qual "as mulheres permaneciam mais isoladas umas das outras, carregando o fardo da sua segunda jornada de trabalho em casa."<sup>35</sup> Ademais, as mulheres eram oprimidas pela hierarquia sexual, tanto em casa quanto no trabalho. Todavia, quando a indústria tornou a empregá-las na fábrica, mudando com isto suas condições de trabalho, as tabaqueiras desenvolveram uma consciência própria dos seus interesses comuns e uma solidariedade, que formaram a base da ação coletiva e de resistência. Cooper descobriu através de testemunhos orais, que representam uma parte essencial das suas fontes, que as mulheres tendiam a eclipsar "as linhas da divisão entre trabalho, casa e comunidade local, enquanto os homens [...] organizavam sua existência principalmente em compartimentos separados."<sup>36</sup> Suas outras fontes compreendem jornais, arquivos sindicais, recenseamentos e publicações governamentais e patronais.

O livro *Labor's True Woman*,<sup>37</sup> de Susan Levine, dá também atenção especial às relações de gênero no trabalho, a tecelagem de tapetes, durante o processo de industrialização. Sublinha a política de integração (em comparação com a política

---

<sup>35</sup> COOPER, Patricia A.: *Once a Cigar Maker: Men, Women, and Work Culture in American Cigar Factories, 1900-1919*. Urbana-Chicago, University of Illinois Press. 1987, p. 6.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 334.

<sup>37</sup> LEVINE, Susan: *Labor's True Woman: Carpet Weavers, Industrialization, and Labor Reform in the Gilded Age*. Philadelphia, Temple University Press. 1984.

de exclusão do sindicato dos tabaqueiros) dos *Knights of Labor*<sup>38</sup> perante as trabalhadoras. Os *Knights* sustentam a igualdade dos direitos de uma maneira pouco usual: eles organizam as trabalhadoras não assalariadas enquanto trabalhadoras à domicílio, dando assim às mulheres a possibilidade de aderir ao movimento durante toda sua vida, ainda que seus anos de trabalho assalariado representassem apenas um breve período. Levine afirma que isto estava na origem de uma visão da esfera feminina "diferente daquela dos seus contemporâneos das classes médias."<sup>39</sup>

Um estudo admirável de Jacquelyn Dowd Hall e colegas mostra o papel dos homens e das mulheres na "formação" do universo de uma fiação de algodão no Sul. Neste texto, ainda que sejam discutidas as diferenças, vinculadas ao gênero, entre homens e mulheres no trabalho e em casa, a ênfase recai menos sobre a hierarquia de gêneros e mais sobre a de classes, hierarquia vivenciada no lugar de trabalho e na cidade, ligada à fiação. Com efeito, o próprio título, *Like a family*<sup>40</sup> - expressão tomada de uma trabalhadora aposentada do setor têxtil -, ao comparar as relações de solidariedade social no interior do grupo com as de uma família, sugere uma falta de consciência de gênero nas pessoas estudadas. Hall e co-autores concluem que o fracasso da greve dos trabalhadores do setor têxtil, em 1934, os torna extremamente desconfiados do governo e do sindicato. Os velhos trabalhadores, cujas lembranças constituem a fonte principal deste estudo, foram interrogados acerca da visão que eles tinham de suas vidas e de sua época. Ainda que, por fim, sua

---

<sup>38</sup> Os *Knights of Labor* (Cavaleiros do Trabalho) eram uma organização operária criada em 1869 e que conheceu seu apogeu na segunda metade dos anos 1880. Utilizando no início as formas das sociedades secretas, os *Knights of Labor* tornaram-se rapidamente uma organização de tipo sindical.

<sup>39</sup> LEVINE, S.: Op. cit. 1984, p. 11.

<sup>40</sup> HALL, Jacqueline Dowd (et al.): *Like a Family: The Making of a Southern Cotton Mill World*. Chapel Hill, University of North Carolina Press. 1987.

situação econômica tivesse melhorado (sobretudo graças à política do New Deal, embora não fosse este o seu objetivo principal), eles ressentem "a desfiadura do tecido das relações sociais como uma perda pessoal. O trabalho tinha sido desvinculado da vida comunitária."

Esses estudos utilizaram brilhantemente o conceito de gênero. Eles proporcionaram uma contribuição decisiva para problemas exteriores à história das mulheres, mostrando que é um procedimento muito apressado vincular diretamente a experiência dos homens trabalhadores à política da classe operária, o que pode levar a estabelecer relações errôneas. Por outro lado, sua conceitualização amplamente descritiva tornou sua análise menos explícita bem como sua contribuição às mais amplas questões históricas menos direta do que ela deveria ser. Em sua acepção sociológica, o gênero não permite necessariamente passar da descrição à explicação na história das mulheres.

Joan Scott propõe uma outra abordagem do gênero, mais literária e filosófica. Ela o considera como um potente instrumento metodológico e teórico, e, em particular, politicamente útil às feministas no sentido de ultrapassar a simples descrição. Sua recomendação provém da insatisfação que provocam tanto uma "*herstory*" compensatória quanto a história social. Esta última, diz ela, "reduziu as ações humanas a uma simples função das forças econômicas e faz do gênero um dos seus numerosos subprodutos. [...] A história social pressupõe que seu próprio quadro de explicação (econômico) permite explicar a diferença entre os gêneros; o gênero não é um objeto que se deva estudar por si."<sup>41</sup> Não estou de acordo. Numerosas são as historiadoras das mulheres que, tendo adotado os métodos da história social, levaram seriamente em conta o problema do

---

<sup>41</sup> SCOTT, J. W.: Op. cit. 1988, p. 22.

ator, que Abrams descreve como sendo "o problema de encontrar uma maneira de dar conta da experiência humana, reconhecendo tanto que a história e a sociedade são o produto das ações individuais, constantes e mais ou menos intencionais, quanto que a ação individual, mesmo intencional, é modelada pela história e pela sociedade."<sup>42</sup> Linda Gordon fez a mesma observação ao dizer que "a crítica feminista [...] exige o reconhecimento da estrutura e do ator em todos os aspectos de uma equação de poder."<sup>43</sup> De fato, a história descritiva das mulheres, mesmo quando utiliza a abordagem da história social ou econômica, contribuiu amplamente para a revisão dessas abordagens ao utilizar fontes, tais como documentos pessoais ou arquivos públicos, que revelam tanto as existências individuais quanto as coletivas (voltarei mais adiante a este ponto).

A história feminista, continua Scott, deve contestar "a pertinência das oposições binárias entre homens e mulheres, no passado e no presente, e mostrar a real natureza política de uma história escrita nestes termos [...]; [ela] não é mais, assim, a narrativa das proezas realizadas pelas mulheres, mas a exposição do freqüentemente silencioso e oculto funcionamento de gênero, constituinte, apesar disso, das forças que estão presentes na maior parte das sociedades e que contribuem para definir sua organização."<sup>44</sup> Para Scott, gênero, enquanto categoria de análise, está centrado na significação, no poder e no ator: "gênero é tanto um elemento constitutivo das relações sociais, fundado sobre as diferenças percebidas entre os sexos, quanto uma maneira primária de significar relações de poder."<sup>45</sup> Ela

---

<sup>42</sup> ABRAMS, P.: Op. cit. 1982, p. 13.

<sup>43</sup> GORDON, Linda: *Heroes of Their Own Lives: The Politics and History of Family Violence, 1880-1960*. New York, Viking. 1988, p. 23.

<sup>44</sup> SCOTT, J.W.: Op. cit. 1988, p. 26-27.

<sup>45</sup> *Ibid.*, p. 42.

recomenda a desconstrução como método para contestar os paradigmas da história: "uma historicização e uma desconstrução autênticas dos termos da diferença sexual, [...] analisando no seu contexto a maneira pela qual opera toda oposição binária, revertendo e deslocando sua construção hierárquica, ao invés de aceitá-la como real, como dado ou como estando na natureza das coisas."<sup>46</sup> Scott lançou um apelo audacioso para uma nova história crítica e intelectual. Este apelo é importante para as feministas por chamar a atenção diretamente para as relações de poder inscritas na linguagem, no comportamento e nos dispositivos institucionais.

Os estudos que acompanham os ensaios programáticos de Scott incluem uma crítica aos historiadores sócio-culturais Gareth Stedman Jones e E. P. Thompson; três capítulos que com relação ao trabalho na França do século XIX, examinam o discurso de gênero ou sobre gênero e dois outros que examinam a igualdade e a diferença na prática da história na América contemporânea. Esses ensaios, que Scott recomenda aos seus leitores lerem como um todo, oferecem uma análise mais complexa do que as recomendações que acabo de discutir aqui. Eles incluem uma autobiografia intelectual, exemplos da metodologia que ela preconiza, reflexões sobre a política da prática histórica e dos historiadores e um manifesto político. Ela intervém não somente no debate sobre a prática dos estudos acerca das mulheres (e particularmente acerca da história das mulheres), mas também sobre a política feminista, a epistemologia e a ontologia. Ainda que situe suas raízes

---

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 41.

intelectuais em Jacques Derrida<sup>47</sup> e no crítico literário Frederic Jameson,<sup>48</sup> ela toma uma posição clara e independente, o que é relativamente raro nos historiadores americanos - quer façam história das mulheres quer sejam estudiosos da história intelectual, social ou cultural.

Para mim, como especialista em história social, a desconstrução é um método que abre novas perspectivas para a nossa compreensão da produção cultural do passado, mas minimiza ou rejeita os métodos e as questões decisivas que transformaram profundamente a prática histórica e a história. A ênfase colocada no método e no texto (seja de um enunciado formal, de uma "linguagem" ou de oposições binárias utilizadas pela língua corrente) me parece subestimar a ação humana e fazer pender a balança na direção de uma super-estimação da coerção social. Segundo Scott, isto seria um defeito da história social, o que a leva a procurar alhures outros métodos e conceitos. Entretanto, por sua vez, ela não se arrisca a negligenciar o ator quando recomenda um método que efetivamente o ignora? Scott preconiza um método que coloca radicalmente em questão não somente as relações de poder, mas também a existência de um mundo real e a possibilidade de descrevê-lo e explicá-lo. Os apelos de Scott para fazer da desconstrução um método universal subtraem toda a importância das condições nas quais as relações de poder mudam e se transformam e correm perigosamente o risco de uma concepção funcionalista e tautológica da causalidade. É duvidosa a afirmação de Scott segundo a qual a desconstrução é uma teoria que pode contribuir para a explicação: a desconstrução é um

---

<sup>47</sup> DERRIDA, Jacques: *De la Grammatologie*. Paris, Minuit. 1967.

<sup>48</sup> JAMENSON, Frederic: *The Political Unconscious: Narrative as a Symbolic Act*. Ithaca-New York, Cornell University Press. 1981.

método que permite a explicitação de significações ocultas; não permite construir novas. Ela recusa a explicação, considerando-a um outro método de dominação. Se queremos compreender o poder, precisamos de uma análise das formas do poder, em termos de causas e conseqüências, que pesquise quais são as condições que tornam a desigualdade mais ou menos pronunciada e quais são os fatores associados a esta variação.

A desconstrução é igualmente inquietante pela atenção insuficiente que concede ao tempo ou ao contexto, ambos centrais para o método histórico. O deslocamento da ênfase não deixa de ter significado: arrisca-se a deslocar os problemas que Scott julga deverem ser objeto de análise crítica.<sup>49</sup> Os próprios problemas são, de maneira metafórica, vinculados à utilização da diferença entre os sexos como relações sociais desiguais ou como justificação destas. Além desta relação lingüística, como estas metáforas e suas justificativas são vinculadas à construção social da diferença entre os sexos? É a mesma coisa? Uma engendra a outra? De que maneira a desconstrução e seu emprego ultrapassam a descrição de modo a alcançar a explicação, por exemplo, dos campos de poder? Em que medida negar a possibilidade de explicação implica no abandono de uma posição política ou mesmo crítica? Penso que para alcançar seus objetivos tanto no domínio do conhecimento quanto no do político, a história das mulheres tem a necessidade de empregar os métodos de análise da história social, além de usar a descrição e o conceito de gênero.

### **História Social**

Mas que tipo de história social? Uma história que respeite a iniciativa humana, assim como a história social das mulheres

---

<sup>49</sup> SCOTT, J. W.: Op. cit. 1988.

fez com tanto sucesso. Uma história que coloque problemas, descreva e analise os dados disponíveis, e explique. Uma história que trate das grandes questões históricas e contribua para resolver problemas já inseridos na agenda da história. Este tipo de história social analítica que estuda um passado marcado pelo gênero já existe. Vou tentar mostrar isto nos exemplos que se seguem.

O livro de Mary Ryan, *Cradle of the Middle Class: The Family in Oneida County, New York, 1790-1865*,<sup>50</sup> *sucess story* da formação da classe média, descreve as relações homens-mulheres e a reorganização dos papéis masculinos e femininos no contexto da industrialização. Num período do desenvolvimento econômico e político, num momento de definição ideológica da classe, as mulheres são consideradas atores na família, no trabalho e na vida pública. Ainda que Ryan não seja talvez tão explícita quanto se poderia desejar, quando coloca seu problema em termos históricos gerais, a ambição está presente assim como os dados que a sustentam. Ela escreve: "uma cidade bem escolhida é como um dos indivíduos históricos universais de Hegel: ela pode estar na origem da transformação histórica ou representá-la [...]. Através de Oneida County, numerosas transformações no seio da família e da sociedade poderiam ser integrados ao contexto mais amplo da história americana."<sup>51</sup> A religião evangélica, a industrialização capitalista, o ideal doméstico dos artesãos e o reformismo das mulheres da classe média dos Estados Unidos foram forças atuantes que modelaram a classe média no leste durante a primeira metade do século XIX.

---

<sup>50</sup> RYAN, M. P.: Op. cit. 1981.

<sup>51</sup> *Ibid.*, p. 17.



A obra de Dolores Janiewski, *Sisterhood Denied*,<sup>52</sup> oferece um discurso indireto da formação mal sucedida de um classe trabalhadora que esbarra nas diferenças de raça e de gênero (e numa poderosa oposição do capital e do poder local). "[...] Poucos indivíduos se julgavam vinculados por uma noção de classe tão nova quanto abstrata [...]. Ameaçados por forças e uma agitação que eles não controlam mais, os brancos tendiam a consolidar seu controle sobre os antigos escravos, os quais, caso contrário, teriam entrado em concorrência com eles pela apropriação de poucos recursos. Os homens que outrora tinham dominado uma economia patriarcal de camponeses independentes, ou que não tinham jamais conseguido estabelecer sua autoridade sobre os membros da sua família, insistiam em manter as mulheres num estado subalterno. Ademais, o medo das misturas raciais previne os brancos contra todo reconhecimento dos seus interesses comuns de trabalhadores com os negros."<sup>53</sup> Pode-se considerar indubitavelmente que, fundado na história oral, nos arquivos governamentais e individuais, nos jornais e nos recenseamentos, o trabalho de Janiewski comporta ao menos uma resposta parcial à questão recorrente, estabelecida por Sombart: por que não há socialismo na América?

Paralelamente a estes estudos americanos sobre a formação das classes, existem muitos outros relativos à Inglaterra: o de Deborah M. Valenze, *Prophetic Sons and Daughters*;<sup>54</sup> o de Leonore Davidoff e Catherine Hall, *Family Fortunes: Men and Women of the English Middle Class, 1780-*

---

<sup>52</sup> JANIEWSKI, Dolores E.: *Sisterhood Denied: Race, Gender, and Class in a New South Community*. Philadelphia, Temple University Press. 1985.

<sup>53</sup> *Ibid.*, p. 6.

<sup>54</sup> VALENZE, Deborah M.: *Prophetic Sons and Daughters. Female Preaching and Popular Religion in Industrial England*. Princeton, Princeton University Press. 1985.

1850.<sup>55</sup> Escolhendo a família como lugar de estudo da formação da classe média, Davidoff e Hall talvez falem menos da empresa do que o fariam os historiadores da economia. Não se pode dizer entretanto que ela seja ignorada. Acima de tudo, elas observam o mundo dos negócios através de uma objetiva sensível às diferenças de gênero e "mostram como os homens da classe média, que procuravam ser alguém, contar enquanto indivíduos por causa da sua riqueza, sua capacidade de comando ou sua capacidade de influenciar os outros, eram, na realidade, dependentes do sustentáculo das redes femininas e familiares que apoiavam sua ascensão social."<sup>56</sup> Entretanto, por causa das dificuldades jurídicas que as impediam, as mulheres raramente podiam acumular capital. Tal como Ryan, essas autoras mostram como as mulheres foram projetadas na esfera pública por causa da sua atividade no movimento de reforma evangélica, ainda que fossem oprimidas tanto pelas estruturas quanto pelos hábitos que legitimavam a ideologia familiar formulada pelos pregadores evangélicos. As mulheres tinham importância ainda menor no mundo político: "[elas podiam] assistir aos processos nas cortes", escrevem Davidoff e Hall, "mas elas não podiam esperar desempenhar, em hipótese nenhuma, um papel no funcionamento da justiça nem tomar parte ativa no seu grandioso espetáculo."<sup>57</sup> Na primeira metade do século dezanove, as mulheres contribuíram para a formação da classe média, mas isto resultou na perda de sua cidadania. A maneira pela qual Davidoff e Hall colocam a sua problemática e a sustentam torna evidente que sua obra contribui para o estudo da mobilidade social. Tendo as mulheres desempenhado um papel importante em todo este

---

<sup>55</sup> DAVIDOFF, Leonore Catherine Hall: *Family Fortunes: Men and Women of the English Middle Class, 1750-1850*. Chicago, University of Chicago Press. 1987.

<sup>56</sup> *Ibid.*, p. 12.

<sup>57</sup> *Ibid.*, p. 445.

processo de mobilidade, elas demonstram que examinar somente o trabalho e/ou a educação dos pais e dos filhos é insuficiente para determinar a direção e o ritmo da mobilidade social.

Valenze não trata da formação de classe num sentido global, mas estuda as condições nas quais as mulheres ajudaram a configurar a prática religiosa e a ideologia da classe trabalhadora nas seitas metodistas entre 1800 e 1850. A medida em que os evangélicos da Igreja da Inglaterra e os metodistas wesleyanos pertencentes às classes médias se estabeleceram com maior solidez, suas instituições se assemelhavam cada vez mais, tanto na forma quanto na prática. Isto levou os pequenos grupos de evangélicos dos meios populares a se dividir. "O lugar da atividade religiosa verdadeiramente popular era a casa", escreve Valenze, "onde as mudanças das gerações, das estações e individuais governavam a prática e a crença."<sup>58</sup> As mulheres pregadoras, continua ela, encarnam e propagam "o papel protetor e de resistência da religião das cabanas nas cidades industriais, onde a ideologia doméstica se associava assim aos valores rurais e à independência diante da nova sociedade vitoriana.". Em termos simples, "as mulheres assumiam um papel público e ativo nas seitas metodistas",<sup>59</sup> um papel através do qual elas defendiam a união entre o domicílio e o lugar de trabalho, tal como existira outrora.

Ainda que Valenze cite pouco as formas de resistência ou seu conteúdo ideológico - para um observador exterior, isto pode parecer uma reação que se esforça em proteger o passado - ela fornece argumentos que evidenciam o papel central das mulheres no movimento das seitas protestantes. Após 1850, quando as seitas formalizaram o seu funcionamento e se reuniram em Igrejas, a importância das mulheres decresceu; a

---

<sup>58</sup> D. M. Valenze, *Prophetic Sons and Daughters...*, op. cit., p. 12.

<sup>59</sup> *Ibid.*, p. 36.

vida em família tornava-se florescente nas casas mais prósperas ao mesmo tempo em que se abandonava o passado por novos modos de vida.

A formação das classes é um problema ao qual a história analítica das mulheres trouxe recentemente uma grande contribuição. Três outros problemas familiares à maior parte dos historiadores foram tratados de maneira analítica pela história das mulheres. São estes o nascimento e o declínio da protoindústria, as condições de variação da divisão sexual do trabalho e seu contexto mutante, a forma e os objetos das políticas sociais.

A obra de Gay Gullickson, *Spinners and Weavers of Auffay: Rural Industry and the Sexual Division of Labor in a French Village, 1750-1850*,<sup>60</sup> nos ensina algo sobre um importante exemplo de variação das condições da protoindústria na Normandia, em Caux. Ela executou a fastidiosa tarefa de reconstituição de 720 famílias, afim de melhor compreender a divisão sexual do trabalho em seu interior. "De uma maneira geral", escreve ela, "eu queria compreender, ao mesmo tempo, como funcionava o sistema econômico e o que era viver em uma comunidade protoindustrial."<sup>61</sup> Seu livro, por isto, é tanto descritivo quanto analítico: os efeitos demográficos que ela encontra em Caux são completamente diferentes daqueles descritos nos estudos anteriores sobre a protoindustrialização. Ela conclui que, contrariamente ao que se passou alhures, o trabalho protoindustrial em Caux cabia inicialmente às mulheres, mais que aos homens e às famílias inteiras. A participação na produção é descrita, para mulheres e homens, como uma função de interação entre estratégias familiares e mercados de trabalho.

---

<sup>60</sup> GULLICKSON, Gay L.: *Spinners and Weavers of Auffay: Rural Industry and the Sexual Division of Labor in a French Village, 1750-1850*. New York, Cambridge University Press. 1986, p. 6.

<sup>61</sup> MILKMAN, Ruth: *Gender at Work: The Dynamics of Job Segregation by Sex During World War II*. Urbana-Chicago, University of Illinois Press. 1987.

*Gender at Work: The Dynamics of Job Segregation by Sex During World War II*,<sup>62</sup> de Ruth Milkman, examina de perto a estrutura industrial e as políticas dos empregadores em matéria de emprego de homens e mulheres nas indústrias automobilística e de aparelhos elétricos. Nestas duas indústrias, os empregadores construíram dois modelos diferentes de alocação e de controle do trabalho nos idos de 1930. A indústria automobilística, pela forte intensidade de capital, aliciava de preferência homens casados, aos quais pagava bem, "comprando" assim sua fidelidade; os homens solteiros e um pequeno número de mulheres partilhavam empregos menos classificados, menos bem pagos e mais precários. Por contraste, a indústria elétrica, indústria de mão-de-obra, utilizava o pagamento por peças para controlar os trabalhadores e empregava uma grande proporção de mulheres.

Estas duas indústrias mudaram sua alocação de trabalho durante a Segunda Guerra mundial, mas em nenhum momento questionaram a divisão sexual do trabalho ou a ideologia do lugar das mulheres. As mulheres tornaram-se membros ativos dos seus sindicatos durante os anos da guerra, mas isto não as beneficiou de maneira alguma após a guerra, quando as direções retornaram à divisão sexual do trabalho do pré-guerra. A discriminação racial para com os trabalhadores negros foi definitivamente reduzida, em resposta à atitude firme dos sindicatos. Malgrado sua grande expansão desde a Segunda Guerra mundial, a participação das mulheres na força de trabalho continuou a se concentrar nos empregos que lhes eram "reservados" tanto no interior da indústria quanto entre os demais setores. A maior parte do crescimento dos empregos teve lugar nas indústrias de serviços, mal pagos, mais do que nas

---

<sup>62</sup> GORDON, Linda: *Heroes of Their Own Lives: The Politics and History of Family Violence, Boston, 1880-1960*. New York, Viking, 1988.

indústrias manufatureiras. A divisão do trabalho segundo os sexos continua a existir. Milkman mostra bem quem são os agentes deste processo - os empregadores, pelo menos ao nível da indústria -, quais são as vias da sua variação - entre indústrias e no tempo - e sugere algumas estratégias políticas para transformar suas conseqüências.

A violência familiar, objeto que não se concebe geralmente como tendo uma história, é o tema do livro de Linda Gordon, *Heroes of Their Own Lives*.<sup>63</sup> Gordon evidencia dois pontos: de um lado, que o nível e as formas da violência familiar concebidos como inaceitáveis têm variado historicamente com o contexto político e, de outro, que esta violência "emerge nos conflitos familiares, políticos em si mesmos, na medida em que este termo diz respeito às relações de poder."<sup>64</sup> Ela mostra que as mulheres ativas nos movimentos de defesa dos direitos das mulheres e em outros movimentos de reforma, igualmente presentes no trabalho social, eram líderes na definição do grau de inaceitabilidade da violência doméstica e reclamavam ações contra ela. Sua abordagem, centrada no ator, apóia-se basicamente no caso de quatro instituições de proteção infantil de Boston, que ela analisa de maneira quantitativa, utilizando-as sempre para ilustrar sua proposta. O estudo revela que variaram historicamente tanto o tipo de violência familiar, que era considerado crítico em cada momento, quanto a base teórica, que justificasse uma intervenção.

É difícil, às vezes, perceber a resistência ativa que Gordon atribui aos seus heróis, já que eles são pobres, vulneráveis e oprimidos. Por outro lado, sua discussão sobre a

---

<sup>63</sup> *Ibid.*, p. 3.

<sup>64</sup> *Ibid.*, p. 299. Cf. para uma discussão sobre as relações entre gênero e política social através da história, Barbara Laslett, Johanna Brenner, "Gender and Social Reproduction: Historical Perspectives", artigo não publicado.

interpretação em termos de controle social e suas conclusões sobre o valor deste são incisivas: "a luta contra a violência familiar é o emblema do Estado-providência no seu conjunto. [...] Mas a abolição destas intervenções não protegeria melhor da discriminação os grupos desfavorecidos. [...] As próprias desigualdades de poder que tornam o Estado opressivo tornam necessário o Estado-previdência."<sup>65</sup>

### **Conclusão**

Malgrado os desacordos de interpretação, como no debate sobre a cultura das mulheres, as historiadoras das mulheres deram prova de engenhosidade em descobrir a experiência das mulheres no passado e em oferecer uma interpretação crítica. Elas fizeram um trabalho de pioneiras ao redescobrir a importância de fontes históricas como as biografias e os testemunhos pessoais. As mulheres como atores da história, suas atividades, suas diferenças de raça, de classe e de origem nacional, suas concepções de si e do mundo ao redor são, de agora em diante, fatos da história. Este processo de reabilitação teve um grande peso não somente no desenvolvimento geral dos objetos da história, mas também na formação da consciência feminista e numa maior compreensão, por parte do público, da desigualdade dos sexos. A introdução e a propagação nas obras históricas do conceito de gênero enquanto categoria socialmente construída foi um questionamento eficaz do determinismo biológico. Este conceito reforçou a comparação e o estudo das variações e dos processos; através da sua utilização na desconstrução, chamou a nossa atenção para as relações de

---

<sup>65</sup> GODINEAU, Dominique: *Citoyennes tricoteuses: les femmes du peuple pendant la Révolution française*. Aix-en-Provence, Alinéa. 1988.

poder. A história social analítica, voltada para a resolução de problemas, sublinha igualmente dois outros aspectos importantes da história das mulheres: completar a descrição e a interpretação com a explicação; vincular seus resultados aos problemas atuais mais gerais. Pelas necessidades da discussão, classifiquei os estudos sobre a história das mulheres em duas categorias: aqueles que são descritivos e interpretativos e aqueles que resolvem problemas analíticos e examinam questões gerais. Entretanto, um grande número de trabalhos descritivos fornece preciosas análises causais dos fatores que influenciaram o vida das mulheres, mostrando como as grandes transformações estruturais (a revolução industrial, a urbanização ou as migrações), os acontecimentos políticos (a guerra) ou as transformações sociais e culturais (as renovações religiosas) configuraram e dificultaram a vida das mulheres ou lhes abriram novas possibilidades. Numerosas obras de história social analítica contém uma parte descritiva importante que é também historicamente sustentada e tão reveladora quanto os textos mais interpretativos. O fato é que os dois tipos de trabalhos são importantes. Portanto, na medida em que as historiadoras das mulheres queriam dialogar com o conjunto dos historiadores, é vital a análise que torne explícita "que diferença isto faz?".

Que resposta vamos dar à questão deste respeitável historiador da Revolução Francesa, pela qual começamos? Uma resposta consiste em dizer que a atenção dada às mulheres afina nossa compreensão da luta pelo poder no processo revolucionário. Como todas as revoluções, a Revolução francesa foi alimentada por uma coalisão de grupos descontentes com o Antigo Regime, cujo governo era solapado, entre outros, por problemas financeiros. Uma vez derrubado o regime, o espaço estava livre para o combate entre os grupos que se aliaram para precipitar sua queda. Novos grupos, novos indivíduos, e entre eles as mulheres, politizaram-se em um extraordinária



efervescência de clubes, jornais, circulação e discussão de idéias sobre a estrutura de um novo Estado. Algumas mulheres, como Olympe de Gouges e Etta Palm d'Aelders, redigiram escritos polêmicos, inspiradas pelo espírito das Luzes e pelos direitos do homem, apoiando uma certa forma de monarquia - uma escolha que não predominaria. Outras, como os membros da Sociedade das Cidadãs republicanas revolucionárias, apoiaram os Jacobinos - embora elas estivessem associadas às facções mais radicais deste grupo, os Hébertistas e os Enragés. Na sua luta pelo poder, os Jacobinos atacaram seus antigos aliados, tanto de direita quanto de esquerda, sem poupar a sociedade das mulheres. Os clubes de mulheres foram dissolvidos e lhes foi vetado falar nas assembléias.

Mesmo antes do momento revolucionário, quando os delegados do Terceiro Estado se autoproclamaram nação e decidiram não se separar antes de redigirem uma nova constituição, as mulheres do povo de Paris tinham tomado parte ao lado dos homens nas manifestações contra a fome. Os primeiros meses da revolução ofereceram às mulheres a ocasião de engendrar sua educação política e permitiram a formação de uma consciência de grupo, isto tudo culminando na marcha sobre Versailles em outubro de 1789. Esta forma de participação política das mulheres foi igualmente reprimida em 1794 e 1795.

Em todos esses combates políticos, reencontra-se uma forte reprovação e uma desconfiança quanto às mulheres, embora elas estivessem presentes no espaço público: as mulheres eram menosprezadas pelo seu comportamento ridículo e inadequado. O gênero era uma metáfora para outras relações de desigualdade, enquanto a luta pela consolidação do poder esgotava-se em si mesma. Nesta perspectiva, as mulheres foram atrizes das lutas pelo poder revolucionário, mas não vitoriosas. O estudo das vencidas não nos ensina apenas algo sobre a elaboração das coalisões revolucionárias e sua ruptura, no

combate pelo reestabelecimento da autoridade, mas esboça outras saídas possíveis. As mulheres (entre outras coisas) lutaram pelos seus próprios direitos, pela participação numa vida democrática radicalmente nova e pela reivindicação dos pobres por um sustento a um preço mais justo. Assim como os outros perdedores do processo revolucionário, as mulheres lutaram pelas posições que continuariam a estar no centro do debate político durante os séculos XIX e XX. O estudo dos vencidos nos permite compreender melhor os vencedores, compreender porque e como eles venceram. A análise da revolução é ainda mais completa e sistemática quando nós levamos a sério as alternativas possíveis: o estudo das formas de participação das mulheres e as reações que ela suscita oferece precisamente uma destas alternativas. Eis "que diferença faz" estudar as mulheres e o gênero.